

AUDIOPROGRAMA

Realidade ficcionada

“Linhos de Organdi”, novo trabalho do cineasta Glauber Filho, selecionado pelo programa Doc.TV, do Ministério da Cultura, mistura realidade e encenação e lança uma pergunta importante: quais os limites entre as obras de caráter documental e ficcional?

FÁBIO FREIRE
Repórter

No mundo contemporâneo, fica difícil precisar quais os limites entre a realidade e a ficção. Se de um lado, o jornalismo espetaculariza o real, usando uma série de recursos ficcionais para tornar as imagens reais mais agradáveis e instigantes aos olhos do espectador, por outro, a ficção percorre o caminho inverso e investe em temas e abordagens mais realistas. Realidade ou ficção? Se a pergunta ainda cabe, a linha entre os dois conceitos é cada vez mais tênue e coloca em xeque questões-chave que permeiam a ideia de documentário clássico ou de filme ficcional.

“Linhos de Organdi”, novo trabalho do cineasta Glauber Filho, segue essa frente de debate, põe lenha na fogueira e coloca a questão em discussão. Selecionado pelo Doc.TV, programa da Secretaria de Audiovisual, do Ministério da Cultura, que visa ao fomento para a realização de obras audiovisuais documentais, o filme é um documentário, mas faz uso de vários recursos mais comuns ao universo da ficção.

Exibida no último dia 15, na Vila das Artes, e com novas exibições programadas na cidade de Aracati, onde foi filmado (no próximo dia 7 de novembro), e em seguida na Unifor (ainda sem data marcada), a produção tem estreia nacional na TV Cultura, em março do próximo ano.

Corografo

Documentário ou ficção, “Linhos de Organdi” registra os segredos das labirintearias dos Córregos de Anica, na cidade de Aracati. Mas, segundo o próprio Glauber Filho, a ideia não era fazer um documentário sobre a história da renda, e sim buscar revelar uma certa intimi-



• CENAS PLANEJADAS: “Linhos de Organdi”, de Glauber Filho, mistura a linguagem documental com recursos de ficção para retratar o universo das rendeiras FOTO: GLAUBER FILHO

dade sobre o universo que cerca essas mulheres rendeiras. “Eu quis mostrar seus sonhos, seus desejos, o que elas realizaram ou não ao longo da vida”, conta o cineasta.

É a partir desse foco que Glauber se afasta da concepção clássica de documentário e experimenta, ao pontuar as cenas do filme com a narração do Mito de Aracne, jovem tecelã que conquista a ira da deusa Atenas em virtude de seu trabalho perfeito de tecelagem. Desesperada por ter irritado Atenas, Aracne tenta se matar enforcada, mas é salva pela própria Atenas, que a transforma em uma aranha. Com locução de Leuda Bandeira, o mito quebra a narrativa das histórias

“Tenho dúvidas se o filme é um documentário sobre as rendeiras ou sobre o Mito de Aracne”

“Pretendo remontar o filme sem o Mito para inscrevê-lo em festivais”

Glauber Filho
Cineasta

das rendeiras dos Córregos de Anica e faz, de alguma forma, uma ponte entre as duas tramas, já que a tragédia não deixa de estar presente na vida das rendeiras, que, em virtude da minúcia de seu ofício, vão perdendo a visão ao longo da vida.

Para Glauber Filho, o mito de Aracne funciona como um coro grego e dá a “Linhos de Organdi” um tom de tragédia, ao mesmo tempo que a musicalidade da narração de Leuda Bandeira atribui ao filme uma tônica de fábula que mergulha a narrativa em um ar infantil e de ingenuidade que, segundo o cineasta, reflete a própria realidade das rendeiras. Mas não é só a inserção do Mito de Aracne que aproxima “Linhos de Organdi” da ficção.

Glauber Filho explora os limites entre realidade e ficção ao fazer algumas escolhas estéticas que tencionam os dois campos. Pontuado pelos depoimentos das rendeiras, o filme procura não mostrar as mulheres que estão falando ao ilustrar essas falas com encenações que tentam de alguma forma representar o que está dito nas palavras. Se a opção é questionável se

pensada a partir do ponto de vista clássico sobre o que é um documentário, tais cenas funcionam dentro da proposta de “Linhos de Organdi” e emprestam uma poesia à obra que só a ficção é capaz de engendrar.

Imagens plásticas

Aliado a essas cenas previamente planejadas, a própria inserção do Mito de Aracne na construção da narrativa já funciona como um indicador de que a ideia aqui não é fazer um documentário típico. O uso da trilha sonora evidencia a opção pela experimentação. Longe da utilização comum do som captado diretamente, a música de Italo Almeida cumpre funções bem comuns às obras audiovisuais de ficção, ora atuando na fluidez da montagem, atribuindo continuidade às imagens, ora emprestando uma certa plasticidade a elas.

As intervenções do diretor na narrativa também deixam claro: a realidade de “Linhos de Organdi” é construída e fica evidente de que mais do que apoiado em um suposto real, o filme deve muito ao imaginário de Glauber Filho sobre a temática das rendeiras. Passível de crítica ou não, já que a obra é e será exibida como um documentário, é interessante perceber como “Linhos de Organdi” segue uma linha de documentários que abre possibilidades que vão além da mera representação do real.

Glauber pretende, inclusive, transformá-lo, futuramente, em uma longa de ficção chamada “Labirinto Branco”. O roteiro está em fase de primeiro tratamento e a trama vai girar em torno de uma rendeira que perde a visão e passa a enxergar o mundo por meio de suas emoções. Em relação a “Linhos de Organdi”, Glauber Filho pretende remontá-lo para que ele possa ser exibido em festivais, já que, segundo o diretor, a montagem exibida na última quinta foi pensada para o formato televisivo. •

• Mais informações
“Linhos de Organdi” (Bra, 2009). Direção de Glauber Filho. Participam da equipe de produção do documentário Isabela Veras, Joe Pimentel, Armando Praça, Danilo Carvalho, Ivo Lopes, Alexandre Veras e o músico Italo Almeida.

• Comente
caderno3@diariodonordeste.com.br

SHOW

Brasileira viola, nosso cavaquinho

• De volta ao Ceará, o músico Didi Moraes começo hoje a percorrer várias cidades do Estado no lançamento do álbum “Um Cavaquinho, um Coração e uma Viola”

HENRIQUE NUNES
Repórter

Apaixonado pelas cordas da viola e do cavaquinho, dois dos instrumentos musicais mais identificados com a tradição musical brasileira, o músico Didi Moraes resolveu integrá-los em seu primeiro CD, “Um Cavaquinho, um Coração e uma Viola”, cujo lançamento acontece hoje e amanhã, no Teatro Sesc Emiliano Queiroz, percorrendo em seguida as cidades de Sobral, Viçosa, Iguatu, Juazeiro do Norte e Nova Olinda, como premiação do Edi-

tal de Incentivo às Artes para Pessoas com Deficiência, da Secretaria de Cultura do Estado. Didi é cego de nascença.

Acompanhado pelo percussionista Igor Caracas e pelos violonistas Eduardo Holanda e Davi Silvino (seu filho), Didi se apresentará sob a produção de Kaika Luiz e a direção artística da musicóloga Izáira Silvino, sua esposa. O repertório envolve músicas do CD e releituras, também marcadas pela brasiliade em torno dos repertórios chôrões de Waldir Azevedo e Pixinguinha à nordestinidade mais lírica de Luiz Gonzaga e Paulo de Tarso Pardal. Um pot-pourri, por exemplo, abrangerá “Delicado” (do cavaquinista Waldir Azevedo) com os baiões “Kalu” e “Pau de Arara” (da lavra de Gonzagão e Humberto Teixeira). Outro se voltará a frevos, unindo “Vassourinhas” (Capiba) e “Samba, Suor e Cerveja” (Caetano Veloso) aos temas de Waldir “Frevo da Lira e o popular “Brasileirinho”.

Com formações distintas, o primeiro CD de Didi Moraes só conta com sua viola, na verdade, nas faixas “Choro Violado” e “Chorando na Viola”, apenas a primeira um choro propriamente dito. “A outra é uma música em que a viola caipira tem um som choroso, mas não é bem um choro”. Já “Corina” (Pardal) tem flauta e cavaquinho, enquanto “Forró da Carolina” e a valsa “Jura-se” reúnem cavaquinho e acordeom. Já a contemplativa “Elevação” é um novo arranjo para o tema da trilha do curta “Guerra dos Bárbaros”, da cineasta Júlia Manta. “O CD foi gravado em Brasília, fiz violão, cavaquinho, viola e percussão. Flauta e violoncelo foram do Ocello Mendonça. Marcílio Homem toca violão em ‘Jura-se’ e outro cearense, Eugênio Matos, fez os arranjos de cordas”, conta Didi, carioca radicado no Ceará até 2002, quando viveu em Brasília até 2008, voltando agora a viver em Crato.

“Cavaquinho e viola têm uma intimidade muito grande, são instrumentos muito brasileiros. Acho que a viola caipira só existe aqui, cada violeiro tem sua afinação”, considera, definindo como seu instrumento o cavaquinho, aprendido de forma auto-didata e tendo como grande referência Waldir Azevedo, cuja “Flor do Serrado” é uma das certas nas noites de choro nada ortodoxas que Didi espalha pela terrinha. •

• Mais informações
Show de lançamento do CD “Um Cavaquinho, um Coração e uma Viola”, de Didi Moraes. Hoje e amanhã, às 21h, no Teatro Emiliano Queiroz (Av. Duque de Caxias, em frente ao Dnocs). Ingresso: R\$ 10,00 (inteira) e R\$ 5,00 (meia). CD estará à venda por R\$ 20. Informações: 085-3452 9000

• Comente
caderno3@diariodonordeste.com.br



• DIDI MORAES: retomando a ligação com o Estado, músico lança primeiro CD em turnê financiada por edital da Secult FOTO: MILA PETRILLO